

# Uma Visão de Dentro da Escalada de Tropas

Tenente-Coronel James R. Crider, Exército dos EUA

**D**URANTE OS PRIMEIROS anos da Operação *Iraqi Freedom*, um número muito grande de unidades tentou combater, da maneira errada, a insurgência que surgiu e se intensificou mais tarde. Davam ênfase excessiva a operações cinéticas contra um insurgente adaptável, escondido entre uma população solidária ou intimidada. Embora haja exemplos de esforços bem-sucedidos de contrainsurgência em vários níveis de comando durante a Operação *Iraqi Freedom*, esses sucessos foram esporádicos e efêmeros, na melhor das hipóteses. Contudo, com a implantação de

Iraque foram essenciais para a melhora nos níveis de segurança em todo o país.

O tratado de 1964 de David Galula, *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (“Guerra de Contrainsurgência: Teoria e Prática”, em tradução livre), serviu como fonte principal na elaboração do capítulo cinco do *FM 3-24*, “Executing Counterinsurgency Operations” (“Como Executar Operações de Contrainsurgência”). Os princípios que Galula enfatiza resistiram à prova do tempo em vários Teatros de Operações. Infelizmente, sua obra permanece, em grande parte, desconhecida pelos



Exército dos EUA. Foto do Esquadrão C, do 1º Regimento de Cavalaria

Sgt Conrad Kaluzny, do 1º Regimento de Cavalaria, com três insurgentes em Doura. Os dois homens à esquerda foram, por fim, detidos, e o homem à direita fugiu da área.

uma nova estratégia no Iraque, baseada nos princípios do Manual de Campanha *FM 3-24*, *Counterinsurgency* (Contrainsurgência), nossas Forças Armadas provaram que podem executar operações de contrainsurgência em grande escala com eficácia. Um aumento da densidade das tropas em posições-chave dentro e ao redor de Bagdá, um significativo esforço de passar de grandes bases de operações avançadas para postos de combate avançados (para proteger o povo) e um ataque implacável contra a Al-Qaeda no

soldados da linha de frente, alguns dos quais se expuseram à insurgência iraquiana dependendo principalmente da experiência anterior e do instinto em vez dos princípios comprovados discutidos por Galula. Escrito com base em experiências em primeira mão nos campos de batalha de contrainsurgência dos anos 40 e 50, o livro de Galula enfatizou a importância de se coletar informações da população local para identificar e, então, remover os insurgentes do seu meio.

---

O Ten Cel James R. Crider é pesquisador sênior do Conselho Universitário no Center for a New American Security, em Washington D.C. É bacharel pela University of Kentucky e mestre pela Troy State University. O Ten Cel Crider

foi, anteriormente, comandante do 1º Esquadrão, do 4º Regimento de Cavalaria no Forte Riley, Kansas. Ele foi desdobrado no Iraque, com seu comando, de 2007 a 2008.

Como comandante de batalhão durante a escalada, descobri que a nossa unidade tinha uma eficácia limitada durante as nossas primeiras semanas no terreno em Bagdá. Quase todas as nossas vitórias e derrotas táticas foram de caráter cinético. Com o tempo, contudo, adotamos uma estratégia vencedora, centrada na população, que resultou em uma inversão completa no terreno. Anteriormente desconhecido para mim, desde então passei a considerar o livro de David Galula sobre a guerra de contrainsurgência indispensável como um marco operacional. Ao enfrentar a insurgência em Bagdá, o 1º Regimento de Cavalaria, da 4ª Brigada de Combate de Infantaria (*Infantry Brigade Combat Team — ICBT*), da 1ª Divisão de Infantaria, empregou as táticas de Galula durante a escalada de 2007-2008.

### Antecedentes

Ao servir como comandante do 1º Regimento de Cavalaria na época, recebi a missão de transferir a nossa unidade dos bairros de Al Hadr, Saha e Abu T'Shir, no Rashid Leste, no sudeste de Bagdá, para o bairro de Doura, um pouco ao norte. Al Hadr era um bairro violento, mas Doura era o bairro mais violento e disputado do Distrito de Rashid. O 2º Batalhão de Infantaria combatia valorosamente como o esforço principal da 4ª Brigada de Combate de Infantaria, com três companhias de fuzileiros, mas exigiria uma maior concentração de tropas para derrotar a insurgência obstinada liderada pela Al Qaeda. Fomos designados para o terço leste do território, permitindo ao 2º Batalhão de Infantaria concentrar-se na parte oeste de Doura, enquanto o 2º Batalhão do 23º Regimento *Stryker* assumia o controle de nossa antiga área de operações.

Doura era um terreno fértil para a insurgência por várias razões e um lugar que a Al-Qaeda no Iraque (AQI) acreditava que podia e devia controlar. Depois de algumas análises, ficou evidente que a nossa nova área de operações era a entrada para Doura a partir das faixas ao sul de Bagdá. Os insurgentes se reuniam regularmente em vários locais na área para planejar suas atividades e importavam grandes

## Estratégia de Contrainsurgência de Galula

1. Fazer contato com o povo.
2. Proteger a população.
3. Controlar a população.
4. Coletar informações.
5. Conquistar o apoio da população.
6. Expulsar o insurgente.
7. Envolver a população na solução de longo prazo.

quantidades de dispositivos explosivos improvisados (*Improvised Explosive Devices — IED*) e outros materiais para usar por todo o Doura. Esse bairro sunita era importante para a Al-Qaeda, porque era facilmente acessível a partir das faixas ao sul, onde a AQI permaneceu praticamente incontestada (isso mudaria radicalmente quando brigadas subsequentes da escalada de tropas chegaram nos meses seguintes), e oferecia aos insurgentes passagem sobre o Rio Tigre para a Península de Karada e para o Distrito de Rusafa — ambas áreas dominadas pelos xiitas. Além disso, assentava-se sobre a estrada principal para entrar em Bagdá vindo do sul e oferecia à AQI a capacidade de influência no bairro de Sadiyah, em Rashid Leste, onde as milícias xiitas trabalhavam arduamente para expulsar os sunitas residentes de longa data. Contudo, até mais importante que as vantagens geográficas proporcionadas pelo Doura, era o fato de que os sunitas que lá residiam estavam excluídos do seu governo central. Eles tinham pouca compreensão para com as forças militares dos EUA, as quais consideravam responsáveis por permitir que Doura se desintegrasse e mergulhasse no caos.

### Estratégia

Desenvolvemos uma estratégia que, depois, descobri ser descrita adequadamente no Capítulo 7 do *Counterinsurgency Warfare*, de Galula. Nossos dois primeiros passos simultâneos eram “fazer contato com a população e protegê-la”. À medida que começamos a patrulhar ativamente, ficou evidente para nós

que estávamos totalmente sozinhos. Quando questionávamos a população, ninguém era capaz de nos fornecer quaisquer informações úteis, dizendo apenas que “forasteiros” eram responsáveis por todas as atividades ruins. Galula descreve, justamente, essa situação ao afirmar que “os habitantes evitarão, em geral, qualquer contato com [o contrainsurgente]. Há uma barreira que precisa ser derrubada”.<sup>1</sup> Embora os insurgentes soubessem quem éramos e onde estávamos sempre, nós éramos, muitas vezes, completamente enganados. Sem saber, ficávamos bem ao lado deles ao interagirmos com a população. Com conhecimento perfeito da situação, os insurgentes começaram a nos atacar implacavelmente. Dentro dos primeiros dez dias, vimos 15 IEDs, sete ataques de pequenas armas, cinco ataques de fogo indireto e um veículo com IED. Três civis foram assassinados nas ruas e três de nossos soldados foram feridos, exigindo a evacuação médica de dois deles.

A realização de patrulhas por todo o dia e toda a noite não era suficiente para proteger a população local ou as nossas forças de forma eficaz. Galula afirma: “O contrainsurgente não pode realizar muito se a população não é e não se sente protegida contra o insurgente”.<sup>2</sup> Além do nosso posto de combate, decidi manter dois pelotões nas ruas 24 horas por dia, sete dias por semana.<sup>3</sup> Essa presença contínua teve um efeito imediato e positivo na segurança. Nos dez dias seguintes a essa tática, os ataques de IED diminuíram para quatro — sendo dois deles descobertos antes da detonação — e o número de assassinatos de civis caiu para apenas um. Esse não foi um ajuste temporário. Mantivemos essa presença no terreno nos dez meses seguintes até sermos desdobrados novamente.

Tomamos outras medidas para derrubar a barreira entre as nossas forças e a população. Nossos pelotões usaram câmeras digitais para tirar fotos dos homens de idade militar com quem



*A área rural ao sul de Bagdá, em grande parte não ocupada pelas forças da coalizão no início de 2007, proporcionou à Al-Qaeda no Iraque a oportunidade perfeita para acumular, livremente, materiais e equipamentos e planejar uma estratégia insurgente para Doura. A escalada de tropas mudou tudo isso.*

entraram em contato, fazendo-lhes perguntas táticas: “Qual é o seu nome?”; “Onde mora?”; “Tem emprego?”; “Tem alguma forma de identificação?” Nossos soldados fizeram o mesmo com os donos de loja, a maioria dos quais só podia abrir por algumas horas por dia. Depois de nos darmos conta, plenamente, da profundidade da desconfiança e do ódio entre os moradores sunitas em nossa área e a Polícia Nacional, com quem tínhamos uma parceria, paramos de fazer patrulhas combinadas com eles e ordenamos que permanecessem em seus postos de controle na periferia do bairro. Nossa credibilidade perante o povo aumentou imediatamente. A seu ver, a Polícia Nacional era composta de membros da milícia xiita de uniforme, e as nossas patrulhas combinadas serviam como um meio de levar essa “milícia” às portas de suas casas. Por sua parte, a Polícia Nacional acreditava que todos no bairro eram membros da AQI e, portanto, aceitaram de bom grado esse esquema temporário.<sup>4</sup>

Para melhorar ainda mais o nosso contato com a população, desenvolvemos projetos com verbas do Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commander's Emergency Response Program*). Os projetos tiveram um impacto imediato de várias maneiras. Mais de 44 anos atrás, Galula escreveu: “Começando com tarefas que beneficiam diretamente a população — como limpar a aldeia ou consertar as ruas — o contrainsurgente passa a liderar os habitantes gradualmente, mesmo que de forma passiva apenas, para participar na luta contra o insurgente.”<sup>5</sup> Contratamos homens locais para melhorar a rede elétrica com novos transformadores, cabos de transmissão elétrica e um importante projeto de microgeração de energia. Limpamos canais de esgoto, consertamos bombas de esgoto e contratamos vários caminhões para retirar a água estagnada das ruas e esvaziar as fossas em residências. Desenvolvemos um contrato para renovar uma clínica em péssimo estado de conservação. Mais tarde, também instalamos novas calçadas e postes de luz. Contratamos centenas de homens para a coleta de lixo, e esse acabou sendo o nosso contrato mais eficaz.<sup>6</sup> Todo o trabalho foi feito por homens do bairro, o que não só injetou dinheiro na economia e melhorou a qualidade de vida de forma tangível, como também proporcionou

à população uma alternativa a aceitar dinheiro da AQI pelo tráfico de materiais de IED ou por informações sobre o movimento das tropas americanas. Ao permanecermos no local 24 horas por dia, conseguimos fornecer segurança para os contratados e seu trabalho.

Durante o nosso esforço inicial para entrar em contato com o povo e, em seguida, durante todo o nosso rodízio, prestamos atendimento médico básico ao encontrarmos feridos e doentes. Fornecemos cobertores, aquecedores, geradores, mochilas e bolas de futebol a famílias em toda a nossa área de operações. Por fim, construímos praças para as crianças e alguns campos de futebol. Esses esforços, além dos contratos para melhorar a aparência e a funcionalidade do bairro, foram proporcionados sem condições. Em outras palavras, nunca oferecemos essas coisas em troca de informações ou bom comportamento. Queríamos mostrar que nos importávamos com a situação deles. Boas informações e o comportamento lícito viriam na hora certa.

A terceira etapa da nossa estratégia era “controlar a população”. Galula afirma que o propósito do controle “é eliminar, ou pelo menos reduzir significativamente, os contatos entre a população e os guerrilheiros”.<sup>7</sup> O 1º Regimento de Cavalaria realizou isso por meio de um censo completo e contínuo, barreiras de concreto para controlar o movimento, um toque de recolher e um esforço considerável para preencher a lacuna na segurança pública.

Adotamos uma estratégia do 2º Batalhão de Infantaria chamada *Close Encounters* (“Encontros



Sgt Gannon Edgy e Capitão Nick Cook, do Esquadrão A, do 1º Regimento de Cavalaria, falam a um cidadão de Doura por meio de seu intérprete durante a Operação Close Encounters.

Exército dos EUA, Esquadrão A, do 1º Regimento de Cavalaria

Imediatos”) para complementar nossa presença constante nas ruas. A estratégia exigia que nossos soldados se aproximassem de cada casa no bairro não apenas para determinar quem morava lá, mas também para construir um relacionamento verdadeiro com a população, família por família. Descobrimos que, embora não falassem conosco na rua, as pessoas, com frequência, falavam livremente em suas casas. Como fomos em todas as casas, ninguém se sentiu visado. Galula salienta que um censo pode servir como uma “fonte básica de inteligência”.<sup>8</sup> Descobrimos que era uma grande fonte de informações, que nos proporcionou um entendimento profundo de como as pessoas se sentiam. Chegamos a compreender que a AQI era apoiada apenas por uma pequena minoria da população e que a maioria do povo queria desesperadamente que as coisas melhorassem. Descobrimos questões em torno das quais podíamos formar uma aliança baseada em uma relação de confiança e respeito. Podíamos moldar nossos temas de discussão, operações de informações e operações psicológicas de modo que tivessem o efeito que queríamos, porque conhecíamos bem o nosso público-alvo.

O controle físico da população também era importante. Um toque de recolher já estava em vigor por toda a cidade, e grandes barreiras de concreto tinham começado a surgir ao redor dos bairros agitados. Como a nossa área em Doura era a porta de entrada dos insurgentes para o bairro inteiro, precisávamos de muralhas para impedir o seu movimento e forçá-los a passar homens e materiais por nossos postos de controle. Nos postos de controle, o insurgente era sujeito a uma inspeção aberta, bem como uma identificação por fontes ocultas, que o observavam chegar e sair. As muralhas também protegiam o nosso bairro de tiros oriundos das áreas em volta. As pessoas agora podiam se movimentar livremente, sem medo de serem atingidas por balas extraviadas. Essa maior segurança significava que as crianças podiam voltar à escola e que o comércio podia abrir.

Também constatamos ser necessário preencher a lacuna na segurança pública para manter o controle positivo da população. Como em qualquer comunidade, havia aqueles que roubavam, envolviam-se em brigas, tinham discussões familiares ruidosas, dirigiam em alta velocidade e cometiam uma série de pequenas

violações da lei. Contudo, havia uma irresistível sede por justiça, e fizemos o melhor possível para assegurar que essas questões fossem resolvidas com o envolvimento dos líderes locais, incluindo os imãs. Embora nunca fôssemos ter real controle sobre todos os comportamentos ilegais, quando a reconciliação se consolidou, posteriormente, nós nos empenhamos em envolver a Polícia Nacional (PN). Infelizmente, descobrimos que ela consistia mais em organização paramilitar do que em verdadeira força policial civil.

O quarto passo, a coleta de informações, iniciou-se no momento em que começamos a patrulhar Doura, mas agora tínhamos condições de receber informações de boa qualidade quase diariamente, que nos permitiam realmente deter os insurgentes por um motivo provável. Nas cinco semanas a partir da nossa implantação de uma presença constante e de “encontros imediatos”, aumentamos o número de fontes de informações de 0 para 36. Nos primeiros 30 dias, detivemos apenas 16 pessoas, mas, durante o quarto mês, detivemos 90 insurgentes.

Frequentemente, encontramos pessoas dispostas a reunir-se com as nossas equipes de inteligência humana tática, que possuíam informações aproveitáveis e que, em muitos casos, tinham trabalhado no setor de inteligência sob o regime anterior. Também usamos esses encontros como uma oportunidade para mostrar ao povo as fotos digitais que utilizamos para identificar os insurgentes. Como estávamos sempre nas ruas, os insurgentes se acostumaram com a nossa presença e raramente tentavam fugir. Muitas vezes, uma fonte de inteligência levava os nossos pelotões até a casa de um insurgente, e os soldados simplesmente batiam na porta e o prendiam.

Galula nos diz: “A inteligência é a fonte principal de informações sobre os guerrilheiros e ela precisa vir da população, mas a população não falará a menos que se sinta segura, e ela não se sente segura até o poder do insurgente ser interrompido”.<sup>9</sup> O fornecimento de maior segurança, a detenção de vários suspeitos importantes, a oferta de oportunidades de trabalho, o aprimoramento dos serviços básicos e a formação de laços pessoais entre os nossos soldados e a população produziram um volume suficiente de informações de boa qualidade para que o quinto e o sexto passos delineados por

Usado com a permissão da Stars and Stripes ©2008, 2009 Stars and Stripes. James Warden



*Crianças a caminho da escola passam por um posto de controle do Exército iraquiano em Doura. A passagem da população por esses postos de controle dificultou bastante o livre movimento para os insurgentes.*

Galula tomassem forma — “conquistar o apoio da população” e “expulsar o insurgente da área”.

Galula enfatiza a importância de envolver a população na solução de longo prazo por meio do recrutamento de cidadãos locais para fins de segurança e da realização de eleições para colocar “líderes locais em posições de responsabilidade e poder”.<sup>10</sup> Os esforços da coalizão para criar e manter os Filhos do Iraque para colaborar abertamente com os esforços de segurança são bem documentados. Diferentemente de Anbar e de outras áreas rurais do Iraque, não há um único xeque em Bagdá que possa reunir tantos homens sunitas marginalizados em uma força de segurança viável. Começaram a surgir líderes locais — sobretudo, das nossas redes de fontes bem estabelecidas — e eles, por sua vez, ajudaram a organizar os Filhos do Iraque em Doura. Embora alguns talvez fossem ex-insurgentes, esse não era o caso da maioria, ou pelo menos não eram indivíduos irreconciliáveis. Independentemente disso, tomamos a iniciativa de investigar cada candidato para os Filhos do Iraque, e, quando

encontramos insurgentes tentando se infiltrar no programa, nós os detivemos. Se não tivéssemos feito isso, os bons cidadãos não teriam confiança nesse esforço.

Uma vez uniformizados e proporcionando segurança abertamente nas ruas, os Filhos do Iraque tiveram um efeito positivo na população. Tinham orgulho de ser parte da solução e queriam ser vistos como uma organização legítima. No entanto, a Polícia Nacional no bairro estava desconfiada deles. Até o nosso capitão mais capaz da PN afirmou: “Estou convencido de que, antes de se tornarem parte do ‘Despertar’, eles eram da Al-Qaeda”.<sup>11</sup> Para combater essa percepção, nós nos empenhamos em formar relações entre os líderes dos Filhos do Iraque e da Polícia Nacional. Convidei os primeiros para assistir à nossa reunião de segurança semanal com a Polícia Nacional, o que foi muito bem acolhido. Patrulhamos, frequentemente, com o comandante do batalhão da PN para vistoriar os postos de controle e colocamos alguns Filhos do Iraque em cada posto de controle da PN. Isso

provou ser uma tática provisória eficaz, até que os Filhos do Iraque pudessem ser contratados ou tratados eficazmente pelo governo iraquiano de outra maneira.

Quando chegamos, os conselhos consultivos do bairro e do distrito eram a única representação do governo local. Essas organizações não existiam antes de 2003, quando a Autoridade Provisória da Coalizão as estabeleceu para tratar das questões locais. Seus líderes foram eleitos em 2003, sem um mandato acordado. A maioria gozou dos benefícios de uma relação com as forças da coalizão. Agradamos seus egos, esperando obter resultados positivos (seja informações táticas seja apenas reparos na vizinhança), enquanto eles insistiam em saber o nome de cada novo contratado nosso, presumivelmente para insistir em receber uma parcela do dinheiro ou para proporcionar-nos um de seus próprios contratados, pela mesma razão. Ainda pior, essa organização não tinha um orçamento. Embora melhor que nada, era essencialmente ineficaz. Trabalhamos para substituir os representantes mais improdutos, mas isso também foi um desafio.

No início de 2008, o governo iraquiano anunciou a formação de “conselhos tribais de apoio”. Uma orientação específica sobre a composição dos conselhos e sobre quantos haveria era vaga, na melhor das hipóteses, mas aproveitamos essa oportunidade para realizar alguma forma de eleição local. Embora não soubéssemos como esses novos conselhos de apoio interagiriam (se é que o fariam) com os conselhos distritais de bairros, sabíamos que os representantes do conselho teriam oportunidades de interagir com autoridades do governo iraquiano.

Seguindo as máximas de Galula, ajudamos os líderes locais a organizar uma eleição. Infelizmente, o gabinete do primeiro-ministro iraquiano não hesitou em ligar diretamente para o comandante de uma brigada da PN, dando-lhe ordens e exigindo resultados imediatos. Então, tínhamos duas escolhas essencialmente: apoiar ativamente uma eleição livre e justa ou permitir que a Polícia Nacional, dominada pelos xiitas, realizasse as eleições, as quais, quase certamente, resultariam na seleção de fantoches sectários. Galula afirma que se devem “exigir eleições absolutamente livres para o autogoverno provisório local, deixando, assim, que os líderes

surjam naturalmente da população, que se sentirá mais ligada a eles, já que são o produto de sua escolha”.<sup>12</sup> Pedimos que um dos principais líderes não políticos da área formasse um comitê para ajudar a escolher alguns candidatos e trabalhar com o xeque principal em Doura para organizar a eleição. Além de oferecer encorajamento e segurança, permitimos que a eleição ocorresse como eles a planejaram.

## Conclusão

Em pouco mais de quatro meses, usando a estratégia de “encontros imediatos” e uma presença constante, forjamos uma forte aliança com a população local, negando aos insurgentes a capacidade de operar com eficácia. De fato, o 1º Regimento de Cavalaria não sofreu ataque algum dentro da nossa área de operações ao longo dos últimos seis meses do nosso período no local. Detivemos 264 insurgentes e transferimos mais de 80% deles para uma prisão. Vinte desses casos foram julgados no sistema judicial penal iraquiano. Praças e campos de futebol substituíram pilhas de lixo, centenas de lojas reabriram e fregueses contentes encheram as ruas



Exército dos EUA, Maj Paul Callahan

*Um líder local dos Filhos do Iraque caminha com um comandante de batalhão da Polícia Nacional nas ruas de Doura. O autor pode ser visto entre eles, na retaguarda.*



Exército dos EUA, Esquadrão A do 1º Regimento de Cavalaria



Antes (Maio de 2007) e Depois (Março de 2008): A rua principal de Doura é um exemplo da transformação ocorrida em Bagdá durante a escalada de 2007-2008.

outrora vazias. A Polícia Nacional estava em paz com os residentes de Doura, enquanto líderes locais assumiam os seus cargos. Mais importante, essa comunidade dentro de Bagdá agora tinha esperança e uma oportunidade de progredir.

Conforme nossas forças militares continuarem a integrar o estudo e a prática de contrainsurgência em nosso sistema de formação profissional e nos centros de treinamento de combate, a obra de David Galula deve ser leitura obrigatória para todos os soldados e fuzileiros navais de todos os níveis. Um livro curto, ele pode ser assimilado em um fim de semana e discutido em detalhes em um ambiente de sala de aula ou facilmente integrado em discussões pós-ação durante exercícios de adestramento.

No futuro, é provável que os EUA se envolvam em mais atividades de contrainsurgência ou trabalhem para evitar novas atividades. O Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais devem envidar todos os esforços para preservar a memória institucional necessária para executar operações de contrainsurgência de modo eficaz. Embora nem sempre sigamos um conjunto prescrito de passos para derrotar uma insurgência, é imperativo que adotemos princípios que provaram ser bem-sucedidos ao longo do tempo. O uso da teoria de Galula para complementar a nossa doutrina no *FM 3-24* proporcionará uma profundidade de entendimento para os líderes de todos os níveis. **MR**

### REFERÊNCIAS

1. GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (Westport, CT: Praeger Security International, 2004), p. 81.

2. GALULA, p. 83.

3. O batalhão se concentrou nas áreas mais contestadas de Doura. Cada pelotão executou uma patrulha de oito horas por dia, durante seis dias consecutivos, antes de fazer um rodízio e não ter serviço para os próximos três dias. Isso exigia um campo de batalha operacional compartilhado. Quando a visibilidade era limitada, um esquadrão era dedicado para patrulhar a área designada dos dois esquadrões restantes. O subtenente adjunto verificava, constantemente, os líderes e os soldados em todos os níveis, para assegurar que eles não tinham chegado a um ponto de esgotamento, em que se tornam ineficazes. Depois de aproximadamente cinco meses nesse ritmo, um sargento afirmou que até o cabo mais novo do pelotão entendia a necessidade de patrulhar Doura o tempo todo. Depois de três dias sem serviço, os membros do pelotão ficavam entediados e prontos para voltar e patrulhar entre a população, especialmente à medida se aproximaram dela.

4. Essa situação era análoga a duas crianças brigando no banco traseiro de um carro durante uma viagem longa. Sabíamos que tinham de se entender em algum momento, mas, como em briga de crianças, tinham de ser separadas por

um período para se acalmarem. Bem antes que fôssemos desdobrados de novo, reconstituímos patrulhas combinadas e integramos os Filhos do Iraque em um esforço de segurança abrangente, dependente apenas em parte do 1º Regimento de Cavalaria.

5. GALULA.

6. Esse contrato empregou mais de 300 homens. No fim, esses funcionários serviram para coletar informações sobre o movimento da AQI e seu posicionamento de explosivos improvisados. Uma vez que o lixo foi removido, o posicionamento de explosivos improvisados se tornou muito mais desafiador para o insurgente. A coleta frequente do lixo devolveu uma pequena parcela de dignidade à população.

7. GALULA, p. 82.

8. *Ibid.*

9. *Ibid.*, p. 50.

10. *Ibid.*, p. 89.

11. RUBIN, Alissa. "In a Force for Iraqi Calm, Seeds of Conflict", *New York Times*, 23 de dezembro de 2007.

12. GALULA, p. 90.